

Numa plataforma fria, uma passageira precisava lutar contra o tempo para ajudar uma estranha a dar à luz

Parto no metrô

POR DIANE PETERS

Em fevereiro de 2006, Ana Giczey desembarcou de um trem do metrô na estação de Wellesley, no centro da cidade canadense de Toronto, e, ali mesmo, se envolveu numa situação que não deveria ocorrer fora de uma sala de parto. Agora, muitos meses depois, seus olhos se enchem de lágrimas enquanto ela caminha pela plataforma onde tudo aconteceu.

“Posso vê-la no chão e eu correndo de lá para cá, e pedindo socorro pelo telefone”, diz a costureira de 41 anos, com a voz trêmula.

A mulher no chão era Sun Hee Paik, que dava à luz seu quarto filho. Ana aponta para o meio da plataforma, na direção de um telefone público afi-

Ana Giczey e Sun Hee Paik
criaram um elo para a vida
toda depois que Mary nasceu.



xado na parede. Acima do aparelho fica uma câmera do metrô.

Até hoje, Ana continua sem entender por que ninguém parou para ajudar – nem os funcionários da estação.

Os trens do metrô de Toronto estavam operando sem atrasos naquela manhã de 6 de fevereiro. E quando, por volta das 8h15, Ana chegou a uma das estações mais a oeste da cidade, embarcou imediatamente num trem que aguardava na estação. Aquilo havia sido ótimo porque ela estava com o dia cheio. Tinha de pegar letras de tecido para costurá-las, em casa, nas camisas de uma equipe de hóquei. Era um trabalho que precisava ser feito em dois dias.

Em seguida, e depois de outros afazeres, pegaria na escola o filho de 7 anos, isso por volta das três da tarde, e voltaria para o bairro de Mississauga. O trem começou a ficar lotado enquanto Ana pensava nos seus compromissos do dia. Decidiu que tomaria o café-da-manhã assim que chegasse ao centro.

Enquanto isso, no outro lado da cidade, Sun Hee Paik, seu marido, Hui Cheon Kim, e os três filhos deixavam o pequeno apartamento em que moravam para ir, de metrô, ao Hospital St. Michael, no centro.

“De metrô será mais rápido do que de táxi”, disse, em coreano, Paik, de 37 anos, para o marido, que trabalhava num restaurante.

Era a véspera do dia em que se esperava que Paik desse à luz a terceira filha do casal. E ela já estava sentindo

os primeiros sinais do trabalho de parto. Rebekah, 11 anos, e Gloria, 8, tinham se recusado a ir à escola porque queriam estar com a mãe quando a nova irmãzinha nascesse. E Solomon, 2 anos, também estava com a família no metrô.

Havia assentos vazios no trem, mas Paik quis percorrer de pé o trajeto de 11 estações até Bloor-Yonge, onde a família pegaria outro trem, na direção sul, na estação Queen. Mas, na terceira parada, Paik sentiu uma dor forte – sua primeira contração de fato. O trem ficou abarrotado, com mais passageiros embarcando a cada estação, e Paik começou a achar que não daria tempo de chegar ao hospital.

Finalmente, a família desembarcou em Yonge, a estação mais movimentada do metrô. Àquela altura, as contrações de Paik tinham aumentado e a dor estava insuportável. Kim e Rebekah a apoiaram enquanto ela caminhava no meio de uma multidão que, apressada, se dirigia para a plataforma da direção sul.

O trem de Ana, que vinha da zona oeste, chegou praticamente ao mesmo tempo, por volta das 9h15. Ela subiu as escadas apressada e alcançou a plataforma sul a tempo de entrar no último carro; as portas já estavam se fechando e quase lhe prenderam o casaco e a pesada bolsa. Saltaria na estação seguinte.

Foi então que ouviu um grito. *Esse grito é de quem está em trabalho de parto*, pensou, lembrando de sua própria experiência de dar à luz sem analgesia. Ana esticou o pescoço e viu uma

mulher grávida, em pé, no fundo do vagão. Foi quando o trem chegou a Wellesley, a estação onde saltaria.

Paik achou que ia morrer quando o bebê saiu, de cabeça, e ficou preso numa das pernas de sua calça. “Saiam do trem!”, gritaram alguns passageiros para a família. Atordoada e assustada, Paik não sabia se as pessoas a queriam fora do trem por estarem preocupadas com ela e o bebê ou porque temiam chegar atrasadas ao trabalho, se ela desse à luz no vagão. Assim que pisou na plataforma de Wellesley, ela caiu no chão.

Da outra extremidade do vagão, Ana desembarcou com outros passageiros, todos se dirigindo para a saída da estação. Mas ela chegou a ver quando Paik caiu, poucos metros atrás. *Que devo fazer?*, perguntou-se.

Eram quase 9h30. Seu dia estava apertado, e aquela xícara de café quente se achava a poucos metros de distância. Mas Ana jamais fugira de um problema. Em parte, por causa de sua criação em San Salvador. No bairro onde morava, todos se conheciam, e era comum ajudar até desconhecidos, fosse lhes dando comida ou tomando conta de seus filhos. Então correu para acudir a mulher que estava deitada no chão, no fim da plataforma.

Àquela altura, uma poça de líquido amniótico e sangue tinha se formado no

chão. Paik estava pálida e gritava de dor, já quase inconsciente; mal se dava conta de que o marido e Rebekah lhe seguravam as mãos. A pequena multidão de passageiros já tinha ido embora, deixando no chão da plataforma pegadas com marcas de neve meio derretida. Poucos se importaram em olhar para aquela família de cinco pessoas.

Ana viu Gloria e o pequeno Solomon parados ao lado da mãe, muito perto da beira da plataforma. Empurrou-os para o fundo, para um lugar mais seguro, perto de uma parede de tijolos verdes. “Fique aqui com seu irmão e não se mexa!”, disse à Gloria.

Em seguida se reergueu e olhou para Paik. Foi quando viu uma protuberância em uma das pernas da calça da coreana. Ana percebeu que o bebê já havia

nascido e estava preso ali. Temendo que o recém-nascido pudesse morrer sufocado, Ana se ajoelhou e começou a ajudar Kim a baixar as calças e a roupa de baixo de Paik para retirar o bebê.

“Não”, disse Paik para o marido, em coreano. Ana não precisava de tradução; a mulher não queria ficar exposta em público daquele jeito. Paik fechou os olhos; não queria ver. Kim pegou a menina, roxa e coberta de sangue, e a acomodou sobre a barriga de Paik, antes de vestir a mulher novamente.

“Saiam do trem!”

Paik não sabia se as pessoas estavam preocupadas com ela e o bebê ou se não queriam chegar atrasadas.



(À partir da
esquerda)
Solomon, Sun Hee
Paik, Rebekah,
Mary e Gloria.

“Bebê! Bebê!”, gritou Solomon. Kim, que tremia, segurou a mão de Paik e falou gentilmente com ela, em coreano. Temendo que aquele recém-nascido coberto de sangue pudesse morrer de frio ali, na gelada estação do metrô, e que ocorresse o mesmo com a mãe, deitada num chão duro e sujo, Ana tentou ligar do celular para o serviço de Emergência. Mas não havia sinal no subsolo.

Paik e Kim não tinham falado qualquer palavra em inglês desde que Ana chegara para ajudar. Por isso a comunicação era feita com a ajuda de Rebekah. “Diga à sua mãe para não se mexer, que eu vou chamar a Emergência”, pediu Ana à menina, antes de

correr para o telefone público, no meio da plataforma.

“Uma senhora acabou de dar à luz na plataforma da estação de Wellesley”, contou Ana ao operador que a atendeu. “O que é que eu faço?”

O operador acionou uma ambulância e, em seguida, perguntou a Ana: “O bebê está bem?” Ana correu de volta para a extremidade da plataforma onde estava a família, a fim de verificar.

Enquanto estava ao telefone, Kim, o marido de Paik, começou a fazer respiração boca a boca no bebê. Molhada de líquido amniótico e ainda ligada à mãe pelo cordão umbilical, a recém-nascida estava imóvel. Ana achou que o bebê estava prestes a morrer. E correu de volta ao telefone.

– Não sei dizer como está o bebê!...

– E a mãe?

Novamente, a costureira correu pela plataforma. Orientou Rebekah para que pegasse um cobertor fino – que a família tinha trazido caso precisassem – e o pusesse sobre o bebê. Este estava deitado sobre a barriga da mãe. Paik, com calafrios, olhava fixamente para o teto e falava baixo com o marido.

– Está se sentindo bem? – perguntou Ana.

– Sim – respondeu Paik, que entendeu aquela pergunta simples.

Enquanto corria de volta ao telefone, Ana desejou que houvesse mais alguém para ajudar. E ouviu do operador: “Se o bebê não estiver bem coberto, pode pegar uma pneumonia.”

Fora do hospital, partos não-assistidos são muito perigosos; representam 97% das mortes de recém-nascidos. O principal fator de risco é o frio: muito novo para que a temperatura do corpo se estabilize por si só, o bebê poderia facilmente sofrer hipotermia na plataforma da estação, onde a temperatura era apenas um pouco menos fria que os seis graus negativos registrados do lado de fora. Se estivessem em um hospital, haveria um especialista para verificar se o bebê apresentava problemas respiratórios, e um profissional para fazer outros exames e avaliar, imediatamente, se precisaria de cuidados médicos de emergência.

Quanto à mãe, corria risco de infecção, e, o mais grave: poderia não parar de sangrar. Sua placenta tinha de

ser retirada em no máximo 30 minutos depois de dar à luz, ou ela correria grande risco de hemorragia.

Ana tinha pouco conhecimento do assunto, mas, enquanto largava o telefone para correr de volta e tentar manter mãe e filha aquecidas, um estouro ecoou pela plataforma: outro trem estava chegando. Ana aproximou-se da recém-nascida nua e, quando viu que o cobertor fino já estava molhado de sangue e líquido amniótico, pensou: *Este bebê vai morrer.*

Já haviam se passado cerca de 15 minutos desde que tinham chegado à estação. Com a ajuda de Rebekah, Ana disse à família que precisava manter o bebê mais aquecido, e em seguida lançou um apelo aos passageiros que desembarcavam. “Precisamos de um casaco!” Uma senhora idosa cedeu o dela; ninguém mais se ofereceu para ajudar, e Ana não sabia por quê. Será que pensavam que ela era médica? Ou seria, talvez, porque as pessoas nas multidões às vezes evitam intervir porque acham que alguém já está com a situação sob controle? Fosse qual fosse a explicação, Ana se sentiu injustiçada – ali estavam imigrantes que não conseguiam falar bem o inglês, e que estavam sendo ignorados.

Pela quarta vez, Ana correu para o telefone. “Arranje um cadarço”, disse o operador, orientando-a para que o amarrasse no cordão umbilical de Paik. Quando mais passageiros desembarcaram, Ana pediu: “Precisamos de um cadarço!” Um homem de terno e sapatos marrons parou, tirou um de seus cadarços, entregou-o a Ana e seguiu.

A costureira ajoelhou-se e falou com Kim, pedindo a Rebekah que traduzisse. Com as mãos trêmulas e cobertas de sangue, Kim segurou o cordão branco, cheio de vasos sanguíneos, e deu um nó em volta dele, bem no meio, entre sua mulher e o bebê, como o operador havia instruído. Ela, com mãos um pouco mais firmes, ajudou Kim a apertar o nó.

Já tinham se passado cerca de 20 minutos desde o primeiro contato de Ana com a Emergência. Paik tinha mais dez minutos para expelir a placenta, ou correria o risco de hemorragia. *Quando é que a ajuda vai chegar?*, pensou Ana, desesperada, enquanto corria ao telefone para receber mais instruções. *Será que este bebê vai ficar com seqüelas?*

Então, finalmente, um paramédico apareceu ao pé da escada. “Onde está a mulher?”, perguntou. Ana apontou para a família agrupada.

Um tanto atordoada, Ana começou a subir os degraus da escada, passando por mais paramédicos e uma maca até chegar ao nível da rua. Ela não queria ficar – não conseguiria suportar a notícia de que o bebê tinha sofrido sérios danos ou que morreria.

Ana Giczey acabou deixando de cumprir muitos de seus compromissos e voltou para casa um pouco aturdida. Passou o restante do dia con-

versando com o marido e amigos, e dando uma entrevista, por telefone, para um jornal da cidade. Às 18h, estava assistindo ao noticiário na TV quando sentiu um grande alívio ao ver imagens de uma mãe e de um bebê recém-nascido, ambos em boas condições. E soube que a menina se chamava Mary.

O repórter de um jornal marcou um encontro com os Kims, em seu apartamento, e lá apareceu, no dia seguinte, acompanhado de um intérprete e um fotógrafo. Quando Ana chegou, a pequena Gloria correu para ela e a abraçou. Em seguida, Paik pôs Mary nos braços de Ana. *Ela está realmente viva!*, pensou a costureira, deslumbrada com o bebê, agora irreconhecível, limpo e enrolado numa manta. Os braços de Ana tremeram de tanta emoção.

Ana sente-se ligada à família Kim para sempre, embora, infelizmente, Hui Cheon Kim tenha morrido, de trombose, poucos meses depois do nascimento da filha. Mas a lembrança daquele dia no apartamento dos Kims, onde Ana segurou Mary nos braços, a faz sorrir.

Pouco mais tarde, enquanto a costureira se despedia, Paik a abraçou e lhe disse algo em coreano. O intérprete traduziu: “Fala para Ana que, se ela não estivesse lá, eu não sei o que teria sido de nós.”

CORRIGINDO VELHOS DITADOS

Quem espera... sempre cansa.

Os últimos serão... desclassificados! José Gomes Junior, Parnamirim (RN)



“O humor nos leva mais perto de Deus. A comédia deveria ser o natural do homem. Drama é anomalia.”

Miguel Falabella

Criei meus filhos. Esse dever está cumprido e, de certa forma, já mostrei a mim mesmo que sei fazer aquilo a que me proponho. *Fernando Meirelles* na *Claudia*

Filhos às vezes dão uma dor de cabeça danada. Nesses dias, sigo a recomendação na embalagem da aspirina: “Manter longe do alcance das crianças.” *Roseanne Barr*

Existem dois tipos de humor: o com graça e o sem graça. Fazer o povão rir é a melhor opção. *Tom Cavalcante* no site *Terra*

O riso é uma espécie de “férias-relâmpago”.

Milton Berle

Ter cinco filhos em seis anos é o melhor treinamento que alguém pode ter como orador. *Nancy Pelosi* em *AARP Bulletin*

Em vez de me culpar, me maltratar, eu dou risada. Acho que é uma bela saída para não sofrer. Não brigo comigo, de jeito nenhum.

Adriana Esteves na revista *Gloss*

Concorda?

Nunca temos tempo suficiente para ficar sem fazer nada.

Calvin em *The authoritative Calvin and Hobbes*



Casamento não é apenas compartilhar um *fettuccine* com alguém, mas compartilhar o fardo de achar o restaurante certo onde vai ser servido o *fettuccine*. *Calvin Trillin*

Diga-me do que estás rindo, e eu te direi quem és. *Marcel Pagnol*



Pagamos até R\$ 50 por frases de brasileiros famosos vivos (página 122).